

Cinema de Arte

promoção

organização

direção
do

Acervo Digital

Walter

da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



16 - Outubro - 1965

"E V A"

("Eva")

• FICHA TÉCNICA

Realização — Joseph Losey

Argumento e roteiro — Evan Jones e Hugo Butler, sobre o romance de James H. Chase

Fotografia — Gianni di Venanzo

Música — Michel Legrand

Montagem — Reginald Beck

Interpretação — Jeanne Moreau (Eva), Stanley Baker (Tyvian Jones), Virna Lisi (Francesca), Giorgio Albertazzi (Branco Malloni)

Produção — Robert e Raymond Hakim, para Paris-Film Productions e Interopa Films (Roma) — 1961/2

Pode-se chamar Joseph Losey de cineasta **maldito**. Tão admirado pela crítica, é dos menos conhecidos pelo público. Além de uma carreira em si difícil, os filmes que tem realizado — às vezes com outro nome — nem sempre foram exibidos em toda parte.

Nascido nos Estados Unidos em 1909, estudou arte dramática, ingressou na Broadway como diretor (1932-1946), passou a fazer curtas-metragens (1946-47), por fim realizou sua primeira longa-metragem em 1948: «O menino dos cabelos verdes» («The boy with green hair»).

Havia feito seu quinto filme em Hollywood («The lawless», «The prowler», «M» e «The big night»), quando teve de emigrar em virtude de suas idéias progressistas, em 1951. Dirigiu, então, para produtores anglo-italianos quatro fitas sob diversos pseudônimos: Andrea Forzano, Victor Hanbury, Joseph Walton.

«Eva» já pertence a um período menos difícil, figurando em sua filmografia depois de firmar-se em definitivo na Inglaterra, país em que, desde 1956, realizou sete filmes, todos muito louvados pela crítica européia, embora a grande maioria desconhecida no Brasil: «Time without pity», «The gipsy and the gentleman», «Blind date», «The criminal», «The damned», «The servant».

Jean Mitry destaca nas principais características de Losey a firmeza do relato, a ciência do ritmo, o cuidado das imagens: um perfeito técnico, «porém ainda mais do que isto: a esperança da nova geração americana».

A firmeza do relato e a ciência do ritmo talvez não possam ser bem notadas em «Eva»: no admirável ensaio bio-filmográfico que Christian Ledieu escreveu sobre Joseph Losey, vem a informação de que o filme foi tão mutilado pelos produtores que sua compreensão, já difícil, se tornou quase impossível.

Não obstante, Fereydpun Hoveyda julgou «Eva» não somente o melhor filme de Losey, mas uma obra de grande importância para todo o cinema, ainda que nele recontrasse aquelas qualidades e aqueles defeitos que vinham desde o período americano, sobretudo uma maestria formal absoluta e um recurso por vezes irritante ao simbolismo fácil. «A contribuição de «Eva» para o cinema é tal, diria Hoveyda, que seus defeitos passam entretanto para um segundo plano». «Um filme totalmente moderno», um filme esteticamente revolucionário, que, acrescenta o crítico francês, perturba o convencionalismo por sua novidade de estilo, como no passado o haviam perturbado «O encouraçado Potemkin» de Eisenstein em 1926 ou «O cidadão Kane» em 1941. Não basta

deante desse filme, para Hoveyda, assimilar o diálogo, a cenografia, o gesto dos atores: imperativo examinar os movimentos da câmara, a iluminação e a construção dramática em conjunto na sua relação dialética com o demais. Brechtiano, resumiria Hoveyda sobre «Eva».

Também admirando o filme, mas falando em outros termos, Bernard Cau veria, dentro da trágica secura e do lirismo negro de Losey, o relato do encaminhamento do mal em duas almas, danadas pelo sexo, a de Eva (Jeanne Moreau) e seu amante (Stanley Baker). O filme seria o itinerário espiritual de um casal partido antes mesmo de se ter formado, a estória do pecado contra a unidade, a impossível procura de dois seres que não têm mais a faculdade ou a graça de amar. Joseph Losey, segundo Cau, jamais tinha ido tão longe e tão alto em sua meditação sobre o destino humano.

Mas, não foi o que pensou Henri Agel: o filme seria falso, por ter partido de conceitos em vez da realidade, daí o pessimismo de Losey sobre a personagem de Eva, pessimismo terrivelmente literário e prefabricado. Ao que Jean d'Yvoire aduziria: sobre um tema côr de bile, Losey jogou um barroquismo e uma série de símbolos pesadamente aplicados.

De onde se vê que, cineasta malúto e polêmico, Joseph Losey é extremamente importante.

Próximos programas:

«Os Sete Pecados Capitais»

«Uma mulher é uma mulher», de Jean-Luc Goddard

«A balada do soldado», de Tchoukrai

«A grande ilusão», de Jean Renoir